

“Ofensa de cobra”: corpos, venenos e mundos em conflito

Luzimar Paulo Pereira⁶²

Resumo: Nesse *paper*, apresento os temas do temor às serpentes e do poder de seus venenos, tendo como foco os modos pelos quais são descritas e vividas as relações entre homens e animais na zona rural de Urucuia, MG. Os chamados “causos de cobra” ocupam lugar de destaque no cotidiano dos urucuianos e emergem em situações sociais diversas para tratarem de encontros entre homens e serpentes, sempre pontuados por algum evento dramático: uma mordida efetivamente ocorrida, seu risco eminente de ocorrer, as sequelas físicas e morais decorrentes ou a morte de um ou ambos os personagens (ser humano e animal). Evocando saberes específicos sobre serpentes, seus comportamentos e morfologias, além das ameaças que representam aos seres humanos e suas criações, os relatos apresentam os animais enquanto espécies companheiras, seres que possuem existências conectadas e mutuamente constitutivas com os seres humanos. Os “causos” amplificam a ideia de que as interações entre pessoas e cobras seriam responsáveis pelas constituições mútuas dos seres, das formas de socialidade e dos espaços rurais. A própria existência do relato é um efeito da relação interespecífica. Nos “causos de cobra”, o corpo (humano ou animal) ganha bastante destaque. Ele nunca emerge como possuidor de uma essência imutável, mas como resultado de “descobertas” narrativas que decifram sinais de inúmeros contatos entre seres e coisas que habitam um mesmo ambiente.

Palavras-chaves: narrativas; animais humanos e não-humanos; acidentes ofídicos.

Nesse *paper*, apresento os temas do temor às serpentes e do poder de seus venenos, tendo como foco os modos pelos quais são descritas e vividas as relações entre homens e animais na zona rural de Urucuia, MG⁶³. Em particular, trabalho com relatos de acidentes ofídicos e os modos pelos quais eles são apresentados pelos seus habitantes. Os chamados “causos de cobra” ocupam lugar de destaque no cotidiano dos urucuianos. Os relatos emergem em situações sociais diversas e tratam de encontros entre homens e serpentes, sempre pontuados por algum evento dramático: uma mordida

62 Antropólogo. Professor e pesquisador do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF.

63 O material etnográfico utilizado na confecção deste texto foi recolhido durante trabalhos de campo realizados de modo intermitente ao longo de quase treze meses, entre os anos de 2007 e 2013.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

efetivamente ocorrida, seu risco eminente de ocorrer, as sequelas físicas e morais decorrentes ou a morte de um ou ambos os personagens (ser humano e animal). Evocando saberes específicos sobre as cobras, seus comportamentos e morfologias, além das ameaças que representam aos seres humanos e suas criações, eles não são apenas expressões de um idioma operacionalizado para “representar” relações sociais, valores e visões de mundo (Mundkur, 1978; Drummond, 1981; entre outros)⁶⁴. Nos relatos de acidente ofídico, as serpentes não aparecem como meras portadoras passivas de projeções simbólicas, mas enquanto espécies companheiras, seres que possuem existências conectadas e mutuamente constitutivas com os seres humanos (Haraway, 2008). Os “causos” amplificam a ideia de que as interações entre pessoas e animais seriam responsáveis pelas constituições mútuas dos seres, das formas de socialidade e dos espaços rurais. A própria existência do relato é um efeito direto da relação interespecífica⁶⁵.

Nos “causos de cobra”, o corpo (humano ou animal) ganha destaque. As narrativas seguem as pistas dadas pelos rastros deixados pela ação das cobras e seus venenos nas peles, no sangue, nos membros e nos órgãos internos de suas vítimas. Além disso, tratam da constituição física das próprias serpentes, da produção de seus venenos e dos modos pelos quais eles podem ser alojados nos mesmos animais e injetados em outros seres. Nem mesmo as interações entre seres e ambiente são deixadas de lado. Os relatos de encontros e acidentes ofídicos implicam descrições sobre a maneira como as cobras e as pessoas circulam por matas, trilhas, pastos, terreiros e mesmo no interior das casas. Sentidos como os da visão, os do tato, os da audição, os do olfato e do paladar, além de outros que parecem transcender os cinco sentidos conhecidos, são evocados. Nas histórias, os corpos nunca

64 Há toda uma simbologia das cobras na fala cotidiana e nos principais textos religiosos conhecidos pelos urucuianos. As serpentes podem servir para classificar e dar sentido a comportamentos ou evocar imagens de demônios e outras entidades malignas. Há, por exemplo, ditos que se apoiam nas serpentes para tratar de assuntos relativos à moral humana: “matar a cobra e mostrar o pau”, “deus não dá asa a cobra” etc.. Nesse sentido, é importante dizer que a analogia e a metáfora desempenham papéis importantes no modo com os seres humanos pensam suas relações a partir dos animais. No entanto, tais operações da linguagem não encerram as potencialidades das relações interespecíficas.

65 Um “causo”, em Urucuia, é simultaneamente uma narrativa – uma espécie de “gênero literário” - e um fato ocorrido – um evento na vida de uma ou mais pessoas. Como sugere Ana Carneiro, em relação aos habitantes dos Buracos, na Chapada Gaúcha, MG, é importante imaginar que ele não é uma “narrativa que organiza uma já dada experiência, mas um modo narrativo que se faz na própria experiência, no próprio modo de vivê-la (2013: 205). Na sintaxe buraqueira, assim como na urucuiana, o fato é um “causo”, uma “ordenação particular de uma experiência pessoal singular” (Idem, *ibidem*).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

emergem como possuidores de uma essência imutável, mas como resultados de “descobertas” narrativas que decifram sinais de inúmeros contatos entre seres e coisas que habitam um mesmo ambiente.

Bruno Latour (2007) argumenta que a concepção de um “corpo que fala” nos obriga a pensá-lo como uma interface que se torna mais e mais descritível na medida em que aprendemos a ser afetados por mais e mais elementos. Diz o autor:

O corpo é, portanto, não a morada provisória de algo de superior - uma alma imortal, o universal, o pensamento - mas aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo. É esta a grande virtude da nossa definição: não faz sentido definir o corpo directamente, só faz sentido sensibilizá-lo para o que são estes outros elementos. Concentrando-nos no corpo, somos imediatamente - ou antes, mediamente - conduzidos àquilo de que o corpo se tomou consciente (2007: 39).

Nos relatos sobre serpentes, em Urucuia, o corpo não é apenas a morada do espírito, mas é o canal por meio do qual as pessoas se realizam num mundo que pode ser perigoso, impregnado por diversos venenos. Obviamente, como católicos e cristãos, em sua maioria, os habitantes das zonas rurais urucuianas elaboram inúmeras reflexões a respeito das dimensões espirituais de sua existência. A “alma” e seus destinos são temas recorrentes nas conversas. Sabe-se – e defende-se – que o espírito dos mortos podem vagar pelo mundo, quando não seguem em direção ao “céu” (ou “inferno”) ao encontro de deus (ou da danação eterna). No entanto, a alma, aqui, não é oposta ao corpo. O espírito é contraposto à “carne”. O corpo é aquilo que existe quando alma e carne coabitam-se mutuamente num mundo igualmente habitado por outros corpos. Em Urucuia, o corpo é verbo, ou melhor dizendo, o testemunho do verbo. A plenitude da existência é experienciada nele, em suas dimensões sagradas ou mundanas. Expressão mesma da vida, a festa religiosa se faz com reza e comida em abundância, em momentos de contrição e danças, em contato com santos e com outras pessoas (Pereira, 2011). A morte, por sua vez, é o desmembramento do corpo que dá lugar à alma desencarnada e a carne degradada. Nos relatos sobre acidentes ofídicos, o que se observa é esse mesmo corpo em risco de eminente dissolução, enquanto coisa ao mesmo tempo física, moral e espiritual.

O drama

Miguel, filho de Seu Manoel, meu principal informante e anfitrião durante todo período da pesquisa de campo em Urucuia/MG, foi picado por uma cobra jararaca quando ainda era menino. Num fim de tarde, por volta de 1975, trabalhava mais seu pai numa roça de mandioca. Miguel calçava apenas um par de “chinelas” quando bateu a enxada num tufo de mato. Imediatamente, sentiu a pontada (“bem no dedão do pé”) da mordida da serpente que estava escondida embaixo das folhas grossas de uma macambira (*Bromelia laciniosa*). Num primeiro momento, Miguel nem sabia o que o havia atingido (pensou ser espinho), até enxergar o rabo da cobra sumindo entre os ramos espalhados pelo chão. Avisado pelo filho, Manoel procurou, avistou, identificou e matou a serpente com uma foice. A “ofensa”, “por sorte”, foi “pouca”; apenas uma presa da jararaca acertou o dedão do pé direito de Miguel. Além disso, ao que parece, a picada não foi tão profunda, impedindo que o animal inoculasse grande quantidade de veneno no corpo de sua vítima. A dor da mordida, no entanto, não deixou de ser intensa, e aumentava rapidamente. Um edema, que logo ganharia proporções ainda maiores, apareceu. “Um roxão, assim, que depois pegou a perna inteira”, comentava Miguel.

O menino foi deixado em casa, aos cuidados da mãe e de parentes próximos, enquanto seu pai seguiu em direção à Fazenda Gameleira para arranjar soro antiofídico junto ao velho Cavalcanti, grande criador de gado da região. Na Urucuia de então, à época apenas uma localidade longínqua do município de São Francisco, distante quase cem quilômetros da sede, apenas o fazendeiro possuía o antídoto adequado nas proximidades. No entanto, o velho Cavalcanti recusou-se a ceder o soro, mesmo diante dos pedidos de Manoel. “Ele não queria dar. Só vender”, dizia o pai, “E meu dinheiro era pouco”. Manoel seguiu, então, em busca de um “rezador de cobra”, especialista local no tratamento contra picadas de serpentes. A personagem, como todo urucuiano sabe, nunca pede dinheiro pelos seus serviços. Solicitado, iniciou prontamente os trabalhos. O tratamento receitado consistia na realização de preces dedicadas a diversos santos, principalmente São Bento, e na administração de remédios específicos, com destaque para uma bebida feita da mistura de querosene e cachaça. Ao longo das semanas, a perna de Miguel “inchou”, “roxou”; ele sangrava pelas gengivas e pela urina. A dor parecia insuportável. Durante o tratamento, seus pais e demais familiares temeram por sua vida. No entanto, o corpo do menino de 13 anos reagiu bem. “Passado mais de mês” depois da picada, ele estava totalmente curado. “Graças a Deus”, concluem pai e filho.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Em Urucuia, os relatos daquilo que profissionais da medicina, zoólogos e herpetólogos denominam “acidentes ofídicos” – ou seja, ataques de serpentes peçonhentas a seres humanos – conferem ao eventos caráter dramático. Dramático não apenas porque os “causos” fazem referência a acontecimentos que irrompem sem aviso prévio, chacoalhando o cotidiano das pessoas para colocar suas vidas em risco. O drama, para usar a terminologia de Victor Turner (1957), também é uma espécie de evento liminar que põe em evidência alguns dos principais traços constitutivos dos coletivos humanos, de outra forma “escondidos” ao longo do seu dia a dia. O enquadramento proposto pelo drama orienta movimentos em prol da resolução de conflitos ou desemboca em verdadeiras irrupções. O acidente de Miguel – dentre outros - foi dramático porque, além de perigoso, mobilizou santos, pessoas, coletividades inteiras em torno de um acontecimento extraordinário. Familiares e parentes vieram socorrer; um fazendeiro de renome foi procurado; santos e seus intermediários terrenos foram acionados. Durante seus momentos mais liminares, auxílios mútuos, preocupações, vigílias, remédios, serviços mágicos e religiosos, entre outras coisas, circulavam em decorrência de um encontro não planejado com uma cobra. Mais do que mero acidente de ordem fisiológica ou biológica, a picada adquiriu *status* de autêntico fato social total (Mauss, 2003).

A reunião inesperada de pessoas e santos em torno dos acidentes ofídicos não resulta apenas na pronta mobilização de coletivos humanos em prol do benefício das vítimas. O caso de Miguel também revelava conflitos, tensões e limites nas redes de apoio que unem pessoas e famílias no meio rural urucuiano. Não era segredo para ninguém que o velho fazendeiro Cavalcanti possuía soro antiofídico em sua propriedade. Também não deveria ser do desconhecimento de seu Manoel que o dono da terra deixava o remédio prioritariamente à disposição daqueles que viviam e trabalhavam em sua fazenda. A grande propriedade urucuiana opera, então, como uma verdadeira entidade moral, mantendo o seu dono em relação de obrigação e cuidado para com aqueles que vivem sob sua tutela. Manoel, que era sitiante autônomo e dono da sua própria terra, não era parte direta do círculo de prestações e contra-prestações da Gameleira, nem parecia ter nenhuma relação especial com seu dono. Por outro lado, no entanto, ele morava próximo de Cavalcanti. No entrecruzar de duas posições sociais distintas, seu pedido de “ajuda” pode ser compreendido a partir das regras de obrigações que vizinhos devem ter uns para com os outros em momentos de necessidade. No entanto, entende-se também a recusa. Fora dos limites da fazenda, Cavalcanti só cederia o soro por dinheiro porque Manoel não estava no rol de pessoas com as quais devia algum tipo de obrigação moral.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Sem o soro de Cavalcanti, um rezador de cobra foi acionado para auxiliar o menino ofendido. Em Urucuia, o especialista é alguém que detém um saber “antigo” a respeito do trato com serpentes peçonhentas e dos efeitos de suas picadas na vida das pessoas e criações. O conhecimento do rezador articula um conjunto de técnicas de manuseio de substâncias e um repertório de rezas por meio das quais aciona entidades sagradas em seu auxílio. Dizia um rezador do município de Chapada Gaúcha:

Isso vem de antes, de tradição e de fé desses povo mais antigo (...) Tem gente que aprende aquilo e fica tipo uma bestagem, aquilo não serve... Aquilo é usado nas hora de grande precisão, quando a pessoa procura, né? Mas aquilo tem as palavra, tem as palavra que fala naquilo. E as pessoa tem um santo. O santo que comanda as cobra, na época de Cristo, é São Bento. Cê tem que chamar primeiro Deus e Virgem Maria, fala o nome de São Bento e de Deus e da Virgem Maria pra curar os males (Ze Erotides, Chapada Gaúcha, MG)

O saber lidar com cobras venenosas é um patrimônio do rezador. Sua transmissão, no entanto, não pode ser levada adiante sem uma contrapartida inegociável. Quando perguntei a Zé Erotides o “sentido” da sua prática, ou seja, quando quis saber como fazia as coisas que todo rezador deve fazer, ele me respondeu com outra questão: “cê quer saber mesmo?”. Ele me dizia então que há obrigações que sustentam sua atividade. Ao modo de outras especialidades mágico-religiosas observadas em Urucuia, a aquisição de conhecimentos e poderes no trato com cobras implica dívida de compromisso para com toda a coletividade. O saber do rezador foi ensinado pelo próprio São Bento. Na medida em que não é seu único dono, o especialista também não pode usá-lo para enriquecer ou obter vantagens pessoais. O que ele pode ganhar são pequenos “agrados”. Sem pedir dinheiro pelos seus serviços, o rezador, “no máximo”, me dizia Zé Erotides, “recebe uma galinha ou uma vela pra gente queimar pro santo”. Num sentido inverso, portanto, trata-se também de uma obrigação para com as personagens sagradas. “Ajudar” aos outros é uma maneira de servir como intermediários dos santos e, dessa maneira, atualizar sua presença no mundo dos homens.

O drama pelo qual passou Miguel e sua família não se assentava, portanto, num dilema que opunha o uso de saberes médicos e o recurso às rezas mágico-religiosas⁶⁶. A questão que mobiliza a narrativa é outra, opondo o fazendeiro ao rezador segundo suas atitudes diante da necessidade de

66 Em Urucuia, a medicina e a prece são formas legítimas e não-excludentes de se tratar qualquer tipo de doença ou enfermidade. Os tratamentos não se excluem, mas são, entes de tudo, complementares.

“ajudar” os outros. O drama destaca as formas pelas quais são estabelecidos compromissos mútuos entre os homens ao mesmo tempo em que revela conflitos e tensões. De um ponto de vista sociológico, o caso parece colocar em relevo o velho dilema maussiano da troca de dádivas, entre dom e dinheiro, aliança e guerra, compromisso coletivo e interesse pessoal. Do ponto de vista cosmológico, a “sorte” de Miguel – pela “graça de deus” – opõe-se ao fim trágico de outras vítimas das serpentes, que são mortas ou aleijadas. Uma picada de cobra também evoca o merecimento de dons divinos.

Ofensa de cobra

Não deve passar despercebido, no entanto, que o drama vivido por Miguel e sua família foi resultado da ação de uma serpente. As circulações dos dons e contradons, nas formas de remédios, rezas, cuidados e preocupações, além da própria recusa do velho Cavalcanti em ajudar, foram efeitos sentidos na ordem humana da agência de um animal. Nada teria ocorrido sem a participação decisiva da jararaca. No relatos, a ação da cobra não está destituída de sentidos morais, mágicos e religiosos, da mesma ordem que poderíamos observar nos comportamentos exclusivamente humanos de Manoel, do fazendeiro e do rezador. As serpentes, antes de tudo, são “bichos maus” que “ofendem” as suas vítimas.

A noção de “ofensa” evoca algum tipo de dano físico ou moral sofrido por pessoa ou coisa. Conceito eminentemente relacional, implica a transmutação de seres em “ofendidos” - aquele ou aquilo que sofre com a ação – e “ofensores”. No caso dos ataques de serpentes peçonhentas, as “ofensas” podem ser medidas em intensidade através da conjugação de dados referentes às cobras que realizaram o ataque, à atuação dos “venenos” nos corpos e dos seus efeitos na vida de suas vítimas. Assim, elas podem ser “pouca” ou “muita coisa”. O ataque a Miguel, por exemplo, teve um desfecho feliz, já que a jararaca – animal de “menos peçonha”- injetou pequena quantidade de toxinas em seu sangue e não ocasionou nenhum tipo de sequela. O que, por outro lado, não poderia ser dito em relação à cobra, que foi trucidada pela ação de uma enxada. No entanto, há pessoas que não podem narrar seus encontros com serpentes da mesma maneira. A “sorte” não é para todos. Quando não vêm a falecer depois de um ataque, as vítimas podem carregar as marcas dos encontros por toda a vida. Nos primeiros meses do meu trabalho de campo, quando percebi a presença de homens que apresentavam problemas de locomoção, pensei estar diante de uma localidade que não foi



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

devidamente atendida pelas campanhas nacionais de controle da poliomielite. Mais tarde, soube que boa parte dos “coxos” não era vítima de alguma doença, mas de serpentes venenosas, principalmente cascavéis.

A ação dos venenos tem início quando é injetado na corrente sanguínea por meio do “bote” proferido pelo animal. Rápidos e precisos, os ataques implicam movimentos extremamente coordenados: a cobra se lança em direção à vítima, abre a boca e projeta suas presas que perfuram a pele para introduzir as toxinas. Os procedimentos realizados logo após a “ofensa” – os usos de “torniquetes” para evitar que a peçonha se espalhe pelo corpo e de técnicas de sucção com a boca - evocam a ideia de que a mistura de sangue e veneno é uma composição espúria. Os “remédios” acionados após as picadas também parecem indicar a mesma noção. Manipulados com o intuito de estancar a ação do veneno e retirá-lo do corpo da vítima, a cachaça e o querosene – da mesma maneira que o soro antiofídico - evocam substâncias que atuam para dissolver as toxinas que devem sair lentamente nas excreções (na urina). O fígado da serpente assassina, ao ser utilizado, pretende replicar o papel que desempenha em seu próprio organismo - dentro do corpo da cobra, é esse o órgão responsável por separar o veneno do seu sangue.

A circulação sanguínea, em princípio, mantém a vida dos seres humanos e animais. Os alimentos, ao serem ingeridos, por exemplo, entram em contato com o sangue de modo a estabelecerem composições com os corpos que garantem potência, saúde e desenvolvimento. Ao circular misturado ao sangue, no entanto, a toxina inverte sua função vital. Ao se compor com os venenos, o fluido se decompõe dentro das veias, decompondo, por sua vez, o próprio corpo em sua integralidade. O “roxo” que se espalha a partir do local da picada é o índice de que o sangue não circula mais, causando a morte dos tecidos imediatamente atingidos. Espalhando-se envenenado pelas veias, contamina os sistemas nervoso e respiratório, causando dores, ataques cardíacos, paradas respiratórias etc.. Há sangramentos pelas gengivas e urina. Os efeitos nocivos dos venenos implicam a falência total dos órgãos ou a perda da visão ou de um ou mais membros do corpo. No limite, causam a morte, que pode ser entendida como a fragmentação total do corpo, inclusive separando a



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

alma da carne⁶⁷. Compondo-se com o sangue, o veneno, nos termos de Spinoza, desintegra, desmembra e degrada⁶⁸.

Não se trata, em absoluto, apenas de falência fisiológica. Além de atuar na carne, a peçonha também pode ter efeitos na alma. Incapacitadas, algumas vítimas ficam impossibilitadas de trabalhar e precisam viver da “ajuda” de outras pessoas. Casos isolados, que se conhece de “ouvi dizer”, mais do que testemunhados, evocam até vidas na mendicância. Um morador de Chapada Gaúcha, município vizinho a Urucuia, relatava o caso de um cunhado, picado na mão por uma cascavel. Motorista, ele “virou aleijado” e a maior preocupação era saber como ele poderia trabalhar:

É difícil salva, quando não morre, fica aleijado. É difícil. Tem um cunhado que ela mordeu, faz dois mês. Virou aleijado, perdeu a mão. Ficou em Brasília, internado, mais de mês, mexeu e virou, endureceu a mão. A mão direita. Ele é motorista. Ainda tá inflamado ainda, aquelas pereba. Foi a cascavel. Ele lascou a mão, partiu. (Jonas, Chapada Gaúcha, MG).

A cura, por essa razão, também pode evocar poderes morais e divinos. A reza para São Bento – realizada sobre o ferimento por meio de palavras incompreensíveis e sinais da cruz – promete anular o efeito do veneno que, então, deve sair do corpo da vítima sem afetá-lo. Os poderes morais e divinos muitas vezes também parecem estar relacionados à personagens que parecem protegidos ou imunes aos ataques de cobra. Nas antigas feiras do sertão, haviam homens que carregavam cobras peçonhentas, as quais deixavam picá-los na frente das pessoas, apenas para mostrar o quão imunes eram aos seus venenos.

67 A matança de animais para a alimentação humana é uma prática em que o gesto de sangrar implica o entendimento de que o sangue é a garantia da integridade corporal. Quando uma cabeça de gado é morta para se transformar em comida, o ato de sangrar precede o momento em que o animal é esquartejado e transformado em “carne” (Pereira, 2012b). Circulando no ser vivo, o sangue garante a integridade do corpo, da mesma medida em que, fora dele, contribui para sua dissolução

68 Para Spinoza, segundo Deleuze: “O bom existe quando um corpo compõe diretamente a sua relação com o nosso, e, com toda ou com uma parte de sua potência, aumenta a nossa. Por exemplo, um alimento. O mau para nós existe quando um corpo decompõe a relação do nosso, ainda que se componha com as nossas partes, mas sob outras relações que aquelas que correspondem à nossa essência: por exemplo, como um veneno que decompõe o sangue” (2002: 28).

Veneno de cobra

Os moradores de Urucuia costumam dizer que as serpentes mais temidas na região são três: a jararaca (*Bothrops jararaca*), a cascavel (*Crotalus durissus*) e a quatro presas⁶⁹. A primeira, de “menos peçonha”, é citada porque é aquela que causa mais acidentes ofídicos, embora raramente deixem sequelas ou façam vítimas fatais. As duas outras são lembradas porque seriam capazes de ofender com maior gravidade. No que se refere aos ataques aos seres humanos e criações, as “ofensas” da jararaca se destacam pela quantidade; as da cascavel e da quatro presas, pela intensidade⁷⁰. Numa tarde, diante do forno de torrar farinha, seu João, agricultor aposentado e renomado farinheiro, contava “causo”, desse do “povo antigo”, que ilustrava a vantagem da quatro presas em relação à cascavel, as duas cobras peçonhentas mais poderosas que se conhece:

Um dia, a quatro presa perguntou para cascavel: ‘uai, por que você morde e enrola depois?’.

E a cascavel pergunta pra quatro-presas: ‘e você que morde e corre?’ A quatro-presas responde: ‘mas eu sou diferente: eu corro é pra modi de não cair em cima de mim’ (risos) (João, Urucuia, MG).

A suposta “covardia” da quatro presas (que morde e foge) é contraposta, por meio de um desafio, à natureza “valente” da cascavel (que pica e se enrola para enfrentar sua vítima mais uma vez). No entanto, e aí reside a graça da narrativa, o aparente medo demonstrado pela primeira é na verdade a consciência do poder de seu próprio veneno. Enquanto a cascavel espera para enfrentar novamente seu contendor ferido, demonstrando assim sua coragem, a quatro presas foge inteligentemente, com receio de ser esmagada pela vítima que cai já desfalecida. No relato, as serpentes não estão simplesmente desempenhando atributos instintivos. As singularidades dos seus comportamentos atualizam moralidades específicas. A bravura quente da cascavel se opõe ao veneno extremamente eficiente da fria quatro presas.

69 Não consegui encontrar a correspondência entre o nome popular “quatro presas” e a categoria científica utilizada nas pesquisas acadêmicas.

70 Não que os urucuianos desconheçam outras serpentes venenosas, mas as corais-verdadeiras (*Micrurus lemniscatus*) e as surucucus (*Lachesis muta*), embora peçonhentas e citadas algumas vezes, não parecem despertar nas pessoas os sentidos de perigo da jararaca, da cascavel e da quatro presas.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Não há, obviamente, consenso em torno da ideia da superioridade da peçonha da quatro presas em relação à da cascavel. Na mesma conversa, Satu, compadre de João, apresentava sua discordância. “Menos pegadeira”, ou seja, menos propensa a dar botes mesmo quando ameaçada, a cascavel também é muito letal. Dizia ele: “Cascavel não é pegadeira, mas também é difícil pegar e escapar. Ela fica na paciência... Mas se ela pega também, precisa de muito remédio para poder salvar...” (Saturnino, Urucuia, MG)

O caso contado por João destacava a ação rápida e mortal do veneno da quatro presas. A resposta de Satu enfatizava os efeitos lentos, mas irreparáveis da mordida da cascavel. No limite, sua picada, quando não mata, aleija. No relato de Satu, a natureza “valente” e mortal da cascavel também não exclui a ideia de que a cobra também é “menos pegadeira”. Na verdade, o que ele quis dizer é que a serpente, ao contrário de todas as outras, não teria o hábito de atacar as pessoas o tempo todo, mas quando ameaçada demonstra excessiva agressividade. “Mansa”, a cobra pode se tornar bastante violenta. Zé Erotides, rezador do município de Chapada Gaúcha, vizinho a Urucuia, me explicava certa vez: Com a cascavel, você só precisa ter o cuidado para não “pisar em cima” dela. Dizia:

Ela [a cascavel] é mansa, só se pisá nela. Pisa em riba... Ela não é uma cobra muito atendida, não. Pisô, ela bate, morde, daí é difícil salvar. Mas até ela pegar, cê tem que... Ela é besta, mas um veneno mata, ela mata. Agora, se um cachorro tiver acuando... sempre ela mata mais cachorro, né? Ela não erra o bote igual a jararaca. Mas ela não é muito valente, não! Ela é valente se você pegá e pisá nela, roçando o mato, pegá a enfeza dela, aí ela avoa mesmo (José Erotides, Chapada Gaúcha, MG).

Na fala de Zé Erotides, ao contrário das jararacas, as cascavéis realizam botes certos e mortais. No entanto, só atacam quando se sentem seriamente ameaçadas (em Urucuia, diz-se, a única cobra que morde mesmo estando fora de perigo é a surucucu, extremamente “valente”, porque “valente” o tempo todo). Um detalhe da constituição física das cascavéis parece servir de índice para seu comportamento ambivalente. Os guizos que têm na ponta da cauda, resultado de inúmeras trocas de pele, ao serem vibrados, servem de aviso. Na relação que as serpentes estabelecem com homens e outros animais, o ruído age de modo a evitar confrontos. As cascavéis, como nenhuma outra cobra, comunicam quais são suas intenções diante de uma vítima em potencial. Me dizia Jonas, agricultor da Chapada Gaúcha:



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Porque o cascavel, ele já tem um sirenizinha pra tocar, né? (...) Porque o cascavel, ele é uma cobra muito braba, que na hora que cê chega perto, ele primeiro dá um aviso, toca o chocalho, e dá um aviso. Agora, que o cê não percebeu, ocê encostou, ai, agora, ele já avisou, ai agora é só pegá a gente. É a cobra mais braba que existe... Lá pro lado de Goiás tem o urutu cruzeiro, esse é brabo, porque gosta de pousá em cima de pau, né? Só pega na cabeça. Já pega pra não escapar (Jonas, Chapada Gaúcha, MG)

A comparação com a urutu cruzeiro acentua a natureza singular da cascavel. Enquanto esta não faz segredo da sua presença, a serpente que se encontra “lá pro lado de Goiás” age na surdina. A valentia honrada da cascavel contrapõe-se à natureza artilosa da urutu cruzeiro. A primeira, mesmo evitando, não foge ao confronto, enquanto a segunda, à “traição”, “pega para [a vítima] não escapar”. Não deve ser por outra razão que alguns violeiros da região norte de Minas Gerais gostam de colocar guizos de cascavel no interior de seus instrumentos musicais para se protegerem de feitiços lançados por tocadores mal-intencionados (Pereira, 2011). O amuleto, ao condensar as qualidades da serpente, é ao mesmo tempo um aviso e uma arma de defesa contra o ataque de forças malignas: se um malefício vier, ele não só será ineficaz como voltará para quem o enviou⁷¹.

A “valentia” da cascavel também é a fraqueza da serpente. Num dia, acompanhava Ivan, agricultor e pequeno criados de gado, ensinar ao primo técnica infalível para matar esta espécie de cobra. A serpente, de tão “brava”, se torna previsível e, por isso, presa fácil:

E o cascavel é tao brabo que cê encontra com ele hoje, e se você quise matá ele e no tive nada pra mata ele, cê pode tirar o chapéu, e deixa de junto aí, cê pode deixar que cê mata ele amanhã. Amanha cê vê. O chapéu tá ali onde cê pôs e ele tá rodeado ainda, por causo do chapéu. Ele vigia mesmo (Ivan, Urucuia, MG).

A “valentia” extremada da cascavel é oposta a “inteligência” (de homens e cobras). A morte da serpente por mãos humanas implica o reforço de certas distinções. Ao matar uma cascavel, temida e até certo ponto respeitada, as pessoas demonstram não apenas sua coragem frente a violência extrema, mas também a sagacidade de quem está acima do animal “bruto”. O gesto atualiza os valores

71 Além disso, diz-se, o guizo da cascavel “melhora” a sonoridade do instrumento (viola). Dentro do bojo da viola, ele lhe transfere suas qualidades sonoras



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

da “coragem” e da “inteligência”, qualidades que os próprios moradores de Urucuia entendem ser essenciais para quem vive nos “sertões”.

“Valente” ao invés de “ardilosa”, a cascavel também pode, em certas condições, tornar-se “vingativa”. Quando ofendida, procura meios de replicar, mesmo depois de passado o perigo. Enquanto planeja a retribuição, a serpente deixa de se alimentar e literalmente “seca”, para se tornar “só veneno”. Os efeitos da sua picada também mudam na mesma medida de sua raiva. Em frente ao forno de fabricação de farinha, João, Satu e Conceição discutiam mais um “causo de cascavel”:

João: Cê já ouviu fala na história do homem que bateu na cobra ... e sumiu por dez anos. Que ele voltou, ele ia passando lá na estrada e oiô [e falou]: “faz uns ano bati numa cobra e joguei ela aqui...” Ele não acabou de falar...

Satu: e ele ainda foi falar...

João: e ele ainda foi falar...

Conceição: Mordeu ele?

João: Matou ele na hora! Era só veneno.

Satu: Tava até seca...

As personagens não-humanas dos “causos de cobra”, em geral, não são animais individualizados, possuidores de um nome próprio ou quaisquer sinais que possam singularizá-los. Num primeiro momento, os comportamentos distintos das cascavéis, quatro-presas, urutus-cruzeiro, surucucus e jararacas traduziriam diferenças específicas a partir de um sistema classificatório que se esforça por encaixar o organismo individual em categorias mais abrangentes e hierarquicamente estruturadas (Ingold, 2015). No entanto, o destaque dado, em diversos relatos, às marcas que porventura permanecem no corpo da cascavel ofendida (“A mesma com rabo cortado”), indica que a busca por vingança singulariza a serpente. O animal moralmente imbuído de revidar um ataque – mesmo depois de muito tempo passado – é único, assim como o seu oponente é um indivíduo marcado para morrer pelo seu veneno. Enquanto as demais cobras não veem variar seus humores e também seus venenos, a cascavel pode “ofender” de várias maneiras a depender dos seus sentimentos. A transformação não se dá de modo, dir-se-ia, abstrato, mas por meio de modificações em seu próprio equilíbrio corporal. Ao deixar de se alimentar e mesmo de beber água quando em demanda de

vingança, a cascavel parece alterar a proporção entre as substâncias que compõem seu corpo. Um equilíbrio inicial se transforma num desequilíbrio potencialmente mortal.

A vingança insere a cascavel “ofendida” e sua vítima no circuito moral da honra perdida e da luta por sua reconquista. A “questão” da cobra com o ser humano, por assim dizer, torna-se “pessoal”⁷². Absorvida na vingança, a cascavel também se abstém de vibrar os guizos. A ação vingativa se realiza, assim, sem aviso prévio, na forma de uma “tochaia” ou emboscada: a ação de ocultar-se para atacar inimigo ou caçar. Bide, que estava próximo, mas até então se mantinha em silêncio diante das conversas de João, Satu e Conceição, lembrou-se de outra história:

E tinha um outro que morava do outro lado ali. Aí, ele evém pro Ribeirão um dia, uma cascavel jogou nele e ele meteu o facão nela, cortou um bocado do rabo dela. Passou uns dois mês – morava lá do outro lado do ribeirão – passou uns dois mês, ele tava deitado, aí levantou, tava dentro de casa, e quando ele abriu a porta, tava a cobra rodeada na entrada da porta. A mesma com rabo cortado! Passou a mão na espingarda, matou ela...A mesminha! (Bide, Urucuia, MG)

Alguns rezadores sustentam que as serpentes retiram do ar o “mau” que é transformado em veneno: doenças, crueldades, coisas “ruins” ou qualidades de pessoas “maldosas”. No corpo das cobras, as peçonhas seriam, então, efeitos de um trabalho permanente de purificação do ambiente; atividade benéfica, inclusive, aos seres humanos. A maldade é absorvida pelas vias respiratórias para adentrar a corrente sanguínea dos animais. Misturado ao seu sangue, o veneno, no entanto, será apartado pela ação do fígado para ser alojado nas peçonhas, encontradas na cabeça do animal, mais especificamente na boca, atrás das presas. O resultado imediato desse processo é que os próprios corpos das serpentes possuiriam propriedades tóxicas. O ferimento causado pelos ossos do seu esqueleto, segundo relatos, pode envenenar. Por isso, o costume de deixá-las mortas em cima de cercas ou galhos de árvore. No corpo da serpente, os venenos se mantem em equilíbrio com seus humores, peles, ossos e demais órgãos internos. Ao contrário do que ocorre no corpo humano, onde seus efeitos são devastadores, na cobra, ele integra e garante a vida do animal.

72 Uma “questão” – motivo de conflito e as fases que se sucedem na relação de conflito, tal como a vingança (Marques, 2002) – é sempre “pessoal”. No caso das cascavéis, ter uma questão já indica o caráter humanizado do animal.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Há um verdadeiro paralelismo entre os efeitos fisiológicos e morais dos venenos nos corpos das serpentes. Num primeiro momento, considerando-se todas as cobras, a qualidade da toxina está intimamente relacionada ao comportamento dos animais constituindo assim as características específicas. Não há nenhuma variação segundo as espécies consideradas. No caso da cascavel vingativa, entretanto, que, segundo depoimentos, abdica de comer e beber para “secar” e se tornar puro veneno, o “mau” se acumula na mesma medida em que o ódio que alimenta contra seu desafeto modifica seus equilíbrios corporais. Na cobra, emoções e venenos influenciam-se mutuamente para introduzir o animal num arco bastante heteróclito de potenciais corporalidades. Em condições normais, a cascavel é “mansa”, mas pode ser tornar extremamente brava, caso provocada. Também em condições normais, sua peçonha age de modo lento, inevitável e devastador - dir-se-ia, de maneira quase metódica. Em demanda de vingança, no entanto, adquire extremo poder de malefício. Concentrado enquanto a cobra “seca” pelo ódio ao seu contendor, depois de inoculado, o veneno mata imediatamente.

Mundos em conflito

A relação entre serpentes venenosas e homens instaura-se a partir da suposição mútua de que as primeiras são ameaças à vida dos segundos. E vice-versa. A “ofensa” em potencial explica a tensão permanente entre as espécies. A suspeição recíproca é a mesma que ronda a convivência forçada entre dois vizinhos que, por alguma razão, se tornam “inimigos”. Para evitarem conflitos abertos, ambos fazem o possível para não se encontrarem nos mesmos lugares, de se verem dividindo os mesmos espaços. Do ponto de vista humano em relação às serpentes, as estratégias de evitação incluem mudança de caminhos e trilhas, limpeza permanente de terrenos e pastos, rezas dedicadas aos santos, principalmente, São Bento, além do uso de amuletos, como crucifixos e imagens de santos. Quando o encontro acontece, a etiqueta a ser seguida – caso a luta não seja desejada - é a do afastamento. Segundo se sabe, a excessiva proximidade física entre os adversários aumenta os riscos de enfrentamentos⁷³. A ameaça de embate violento suscita o cuidado com as distâncias.

73 Um urucuiano me dizia certa vez que ao encontrar um desafeto na rua passava para a outra calçada (Pereira, 2011). Marques (2002) argumenta que, no sertão de Pernambuco, um dos efeitos das questões entre vizinhos é o de criar interdições nas circulações cotidianas das pessoas envolvidas.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Diferentemente das pessoas, que, a despeito dos conflitos, podem se tornar aliadas por meio de casamentos, compadrios, vizinhanças e práticas de auxílio mútuo, ou mesmo dos animais de “criação”, que podem se tornar “da casa” e membros das “famílias” humanas (Andriolli, 2011), em função de inúmeras trocas de fidelidade e zelo, as serpentes nunca se tornam “amigas” de ninguém⁷⁴. As cobras são, noutros termos, inimigos potenciais com os quais não se pode fazer alianças⁷⁵. Animais que não possuem moradia fixa e vizinhos fixos, família constituída, compadres ou companheiros, as serpentes são seres essencialmente desgarrados e solitários. As serpentes vivem num mundo essencialmente agonístico. Uma cobra venenosa, diz-se, sempre dorme sozinha e com o “bote armado”. Não respeitando nenhum tratado de guerra interespecífico, algumas serpentes também seriam ardilosas.

A cascavel vingativa confirma a ideia do animal desgarrado, solitário e agonístico ao mesmo tempo em que se apresenta como notável exceção. A serpente parece condensar, a despeito das suas diferenças, as potencialidades ofensivas de todas as outras. Cobra “mansa”, como a coral-verdadeira, ela é igualmente “valente”, como a surucucu, ao mesmo tempo em que extremamente venenosa, como a jararaca, a quatro presas e a urutu cruzeiro. Animal total, a cascavel também pode ir além da simples serpente para adquirir características verdadeiramente humanas. Ao evitar o ataque comunicando-se com suas potenciais vítimas, de alguma maneira abdicando da “traição” para referendar certo código de ética compartilhado em relacionamentos interespecíficos, ela simultaneamente antecipa o mais obscuro de todos os conflitos: a “vingança”. A cobra ofende e pode ser ofendida. Enquanto as demais serpentes não parecem preocupadas em revidar um ataque sofrido, a cascavel traz no corpo e na alma as marcas da *vendetta*. O animal se aproxima dos homens (e do masculino, visto ser muitas vezes referido como “o” cascavel) porque, acenando para alguma aliança, responde eventuais “ofensas graves” com violência mortal.

74 Os animais da criação, por exemplo, podem se “desdomesticarem” a revelia de seus donos para se tornarem ameaças à vida dos seres humanos. Histórias redentoras são contadas sobre eles para reafirmar sua lealdade para com as pessoas. Não há relatos sobre redenções de serpentes, como se conhece a respeito de cães, cavalos e bois “Era um cachorro muito bom”, dizia Bide. “Quando o dono morreu no carrascão, ele ficou do lado do defunto até encontrar. (...). Ficou pros bicho [do mato] não comer...”.

75 Os urucuianos conhecem as narrativas sobre Adão e Eva, quando a aliança firmada com uma cobra significou sua expulsão do paraíso.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

As serpentes, em Urucuia, são, para todos os efeitos, espécies próximas indesejadas, mas inevitáveis. Sua presença invisível informa que os perigos podem estar escondidos em todos os lugares, mesmo os mais ordinários⁷⁶. As cobras habitam um mundo existencial invisível aos humanos. Elas podem estar “escondidas” “atrás”, “sob” ou “debaixo” de pneus, tijolos, pedras, portas, camas, sofás, cortinas, sacas de grãos, galhos, moitas, plantas, roupas. Com poucas exceções, elas atacam do chão, e raramente atingem outros membros, que não os “inferiores”. No entanto, mesmo quando agem “por cima”, permanecem invisíveis, mimetizando o ambiente e confundindo-se com galhos, folhas, cipós e pedaços de paus. Animais do “baixo” e do “entre”, as cobras peçonhentas também possuem hábitos noturnos; são, noutros termos, seres da “escuridão”. Os fins de tarde e madrugada, quando saem para caçar suas presas, são os momentos mais propícios à ocorrência de acidentes ofídicos. Em termos relacionais, se o universo experiencial das pessoas remete ao “alto”, ao “divisado” e ao “claro” é porque as serpentes peçonhentas são vistas como seres que se movimentam preferencialmente nos invisíveis metafóricos e literais do subterrâneo, do confuso e da noite.

Os riscos para os seres humanos são decorrências da invisibilidade do animal. Vinda de baixo, do entre ou do escuro, a serpente sai em vantagem. Sem verem as cobras, enquanto são vistas por elas, as pessoas se tornam alvos fáceis. A ameaça intrínseca aos encontros é, no entanto, mútua. Uma serpente avistada também corre risco de ser morta, mesmo que não ofereça risco imediato. Sem ter a vantagem da invisibilidade, é o animal que se transforma em alvo fácil. Não há nenhuma compaixão implicada no comportamento humano. A matança de serpentes venenosas é considerada, por muitos, gesto profilático. “Tem que matar”, dizia um agricultor, “senão pode pegar alguém”. A ética urucuiana em relação às cobras venenosas advoga fundamentalmente uma demonstração de cuidado para com os outros seres humanos. A honra das pessoas – principalmente homens – parece atrelada ao destino dos animais⁷⁷. Enquanto a “ofensa” infringida pelas cobras aproxima-se das noções de

76 A presença das serpentes nas imediações das habitações humanas contribui para a constituição das próprias moradias e espaços adjacentes. Os sítios, as casas, as roças, pastos e trilhas da zona rural são resultados de interações entre gentes e animais ao longo dos processos de sua formação. Movimentando-se pelos locais de habitação das pessoas, as serpentes oferecem riscos permanentes, ao mesmo tempo em que contribuem para modificações físicas e reorientações simbólicas dos espaços. Além de estimular a criação de aves soltas em torno das casas, a ameaça das cobras justifica a limpeza constante dos terreiros (de modo a não haja lugares onde os animais possam se “esconder”) e a construção de batentes de portas acima do chão.

77 Numa ocasião, um pequeno criador de gado urucuiano ralhava seu primo que dizia ter ficado com medo de acabar com a vida de uma cascavel. Além da condenação moral, ele fazia questão de distinguir as serpentes que se deve



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

“traição”, comportamento moralmente reprovável (“o bicho fez maldade comigo”), sua morte por profilaxia está associada ao bem comum. O veneno da serpente transforma-se em dom generalizado através do seu holocausto.

A sensação de que serpentes e seres humanos vivem em permanente conflito sustenta a ideia de que os mundos existenciais que ambos habitam seriam incompatíveis um ao outro. A presença de mediadores humanos e não-humanos, no entanto, indica alternativas de pacificação. As cobras podem ser percebidas por outros animais que também coabitam as moradias das pessoas. As aves do terreiro, os cães e os gatos, entre outros aliados, são bichos capazes de servirem de olhos, narizes e ouvidos estendidos dos seus donos, garantindo proteção contra os seres do baixo, do entre e da escuridão. Alguns dentre eles, podem, inclusive, ser imunes aos venenos das serpentes. Era o que dizia seu Manoel:

Diz que gato não morre de ofensa de cobra. Só se pegar na cabeça ele morre. (...) É porque ele lambe o lugar da picada. [A língua] É que nem lixa, né? Tira o veneno todo. (...) Porco, se tiver andando em dois, também não morre. Nunca vi morrer. Só se tiver sozinho (Manoel, Urucuaia, MG).

Os mediadores também podem ser entidades sagradas. Ao entrar numa trilha em que suspeita ter serpente, um caminhante pode realizar prece a São Bento para se proteger. O santo é o “dono das cobras”⁷⁸. Por isso, entende-se que tem autoridade moral sobre elas. Um rezador de Bela Vista, no estado de Goiás, também em região de cerrado, afirma que a “reza de São Bento” tem o poder de dar tranquilidade ao caminhante: “onde eu entrar, eu já não tenho medo mais. Não precisa ter medo” (2005). Apelando ao santo, a prece evita a ocorrência do encontro indesejado, acalmando a serpente e neutralizando sua potencial agressividade: “Santo Bento/Água Benta/Jesus Cristo no altar/Bicho mau/Que tá nesse caminho/Abaixa cabeça/Pro filho de Deus passar/Amém”.

matar daquelas que não existe “precisão”: “Você é mole...(risos). (...). Caninana (*Spilotes pullatus*) não tem precisão de pegar [ela não é venenosa], mas cascavel tem que matar. Eu já matei muita...” (Ivan, Urucuaia, MG).

78 A história do santo informa que São Bento sofreu tentativa de envenenamento pelos monges do mosteiro onde morava. No momento em que dava a bênção sobre a taça de vinho que continha o veneno, de dentro dela saiu uma serpente e o cálice se fez em pedaços.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A reza, não obstante seus efeitos, não anula as limitações visuais que separam os mundos dos homens e das cobras. Mediador por excelência entre o visível e o invisível, o santo possui o poder necessário para enxergar o “outro mundo” das serpentes. Além dele, apenas o rezador, a personagem especializada no trato com as cobras e seus efeitos nocivos sobre os seres humanos, também é capaz de ver ou, pelo menos, sentir a proximidade dos animais. A força do especialista, como já foi dito, vem do próprio São Bento. Dizia o mesmo Zetinho, de Goiás.

Já aconteceu comigo, de eu andar no meio do mato... Na verdade, eu não sinto dor de cabeça. Mas eu sei quando a cobra me viu, e eu não vi ela. Dá uma dorzinha de cabeça. Esse é um caso real. É um caso antigo, mas é real. Quando cê vê uma cobra venenosa... Cê não vê ela, e ela te vê... Dá uma dorzinha de cabeça (Zetinho, Bela Vista, GO)

Além de “sentir” presença dos animais, o rezador pode identificá-los e saber, a pedido dos seres humanos, onde estão as serpentes que porventura estejam atacando pessoas e criações em pastos e roças. Um dos meus interlocutores em Urucuia é compadre de um desses rezadores (o compadrio, aliás, foi estabelecido depois e por causa de um serviço “bem” realizado). Numa ocasião, os animais de pasto de Ivan estavam sendo atacados por cobras. Já preocupado, porque uma ou duas de suas novilhas morreram envenenadas, ele procurou o velho Jango para tratar do assunto. Dizia Ivan:

Cheguei lá e o Jango fez uma reza. Depois falou pra mim que tinha 23 cobras no meu pasto. E no dia seguinte elas iam sair pelo lado da roça de mandioca. Ele falou: “avisa seu povo pra não trabalhar na roça amanhã, porque vai tudo pra lá.” (...) O velho Jango [também] disse que uma cascavel não ia sair do pasto. “Ela tá pisada de gado, mas tá viva. Cês procura lá que vai achar”. E tava, direitinho lá (Ivan, Urucuia, MG).

Localizado nas fimbrias de dois mundos em conflito, o rezador afasta as cobras das proximidades ao mesmo tempo em que garante que os seres humanos não irão molestá-las: “O Jango falou pra ninguém matar as bicha”. Era o que dizia também o especialista Zé Erotides, de Chapada Gaúcha:

Aqui nesse bloco mesmo, sinceramente, aqui tem um vizinho meu, que ele é chefe de uma fazenda. Ele falou: “seu zé, o patrão mandou pra você um bando de presente. Nunca mais daquele tempo pra cá morreu gado lá” [picado de cobra]. Toda semana morria uma, depois desaparecia. Só que nós podia pedir pra ver ela. Mas só que não: “tá isolada, (??) nunca mais ela volta, se ela tem olho, não vai enxergar, se tem a boca, não vai abrir, se tem os dentes,



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

não vai ofender”. Vamo deixar ela viver a vida dela lá, só unicamente ela pega a alimentação e pronto, deixa ela lá. (Zé Erotides, Chapada Gaúcha, MG)

A atitude do especialista parece explicar gestos de consideração explícitos por parte das cobras. Em Urucuia, ouvi algumas vezes o relato a seguir:

Nas margens do Rio Acari, diz-se, vivia um rezador excepcional. Quando morreu, o velório, como de costume, realizou-se em sua residência. A surpresa dos participantes do funeral se deu quando perceberam que, durante a noite de vigília, o terreiro estava cercado de cobras. De alguma maneira, as pessoas concluíram, os animais também prestavam suas homenagens ao rezador (Caderno de campo, Urucuia, 2013).

As serpentes, ao se comunicarem com os rezadores, tornam-se mais humanas. Num sentido inverso, o próprio especialista se torna mais cobra. Embora não tenha ouvido caso a respeito, não é difícil de imaginar que alguns rezadores possam ter sido acusados de enviar serpentes para realizar vinganças pessoais. Na versão não-publicada do seu conto “O Bicho Mau”, João Guimarães Rosa narra a vingança de um rezador do norte de Minas que, acusado de charlatão, é expulso da fazenda onde vivia como agregado, para depois mandar inúmeras cobras venenosas invadirem a propriedade (Rattes, 2009). Em contraponto a uma relação diádica eminentemente predatória entre seres humanos e serpentes, o rezador estabelece mediação entre os mundos em conflito através da linguagem da dádiva. A inimizade que opõe bichos e homens é substituída por alianças duplamente avalizadas pelo poder do sagrado, de modo manter os contendores afastados uns dos outros. Obviamente, em demanda de vingança, o rezador pode fazer usos das cobras para reverter a qualidade dos laços que deve uni-los aos seus pares. A dádiva, nesse caso, torna-se veneno.

Biólogos, zoólogos e herpetólogos lamentam o costume dos habitantes de áreas rurais brasileiras de perseguirem e matarem serpentes peçonhentas e mesmo não-peçonhentas. A matança, associada ao aumento dos desmatamentos e ao avanço das ocupações humanas em áreas antes “preservadas”, teria como resultado a quase extinção de espécies endêmicas que habitam os mais variados biomas do país. Em Urucuia, uma eventual campanha conservacionista poderia ter início com a compreensão do papel desempenhado pelo rezador. Ao contrário do que pensam alguns cientistas (Auto, 2005), a personagem não é, por seu apelo à magia e à religião, a antítese do conservacionista. O rezador é, antes, sua imagem simétrica e inversa. Enquanto os cientistas apelam para a linguagem classificatória da diversidade biológica com o intuito de defender o direito dos



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

animais de terem seu lugar num mundo “preservado”, longe dos seres humanos, os rezadores fazem uso da linguagem narrativa da dádiva para reconhecerem, através de sua prática, que os universos das serpentes e dos homens podem estar próximos sem se encontrarem. Os códigos da ciência natural nos lembram dos riscos da coabitação interespecífica, evocando *habitats* apartados horizontalmente um dos outros. No plano do rezador, ao contrário, a “boa” coexistência de homens e serpentes implica garantir a separação parcial de mundos existenciais sobrepostos e eventualmente conectados em momentos de grande dramaticidade.

Bibliografia

ANDRIOLLI, Carmen Silvia. *Sob as vestes de Sertão Veredas, o Gerais. Mexer com criação” no Sertão do IBAMA*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2011 (tese de doutorado).

AUTO, Hélvio José de Farias. *Animais peçonhentos*. Maceió: EDUFAL, 2005.

CARNEIRO, Ana. “Os rumos da prosa: parentes chegados, primos cunhados”. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 44, n. 2, jul/dez, 2013, p. 196-215

DELEUZE, Gilles. *Spinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DRUMMOND, Lee. “The serpent’s children: semiotics of cultural genesis in Arawak and Trobriand myth”. *American Ethnologist*, n. 8, v. 3, p. 633-660, 1981.

HARAWAY, Donna. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LATOUR, Bruno. “Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência”. In: NUNES, J. & ROQUE, R. (orgs). *Objetos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007, pp. 40-61.

MARQUES, Ana Cláudia. *Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naife, 2003.

MUNDKUR, Balaji. “The Roots of Ophidian Symbolism”. *Ethos*, Vol. 6, No. 3, 1978, pp. 125-158



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

PEREIRA, Luzimar Paulo. *Os giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre folias em Urucuia, MG*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

RATTES, Kleyton G. *O mel que os outros faveiam: Guimarães Rosa e a antropologia*. Dissertação em Antropologia Social. Museu Nacional, UFRJ, 2009.

TURNER, Victor. *Schism and continuity in an African society*. Manchester: Manchester University Press, 1957.

Filmografia

O Rezador de Cobras | Doc, 7 min, 2005, GO.

Endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=2fZuuv9Salg>